

Uma Filosofia da Educação Cristã

Gordon Clark

Traduzido por Lucas Vargas

Por longos períodos de tempo, a história humana se move tranquilamente, perturbada apenas por pequenos distúrbios. Então, num curto espaço de anos, tudo parece acontecer de uma vez. Uma tempestade domina a corrida, quebrando todas as fontes das grandes profundezas; e quando as águas baixam, o curso da história foi traçado para a próxima época. O século dezesseis foi uma era de tal tempestade. Henrique VIII, Martinho Lutero, João Calvino, Francisco I, Inácio Loyola, Caraffa, e – um pouco depois - Filipe II, Rainha Elizabeth, Henrique IV, o Duque de Alva e John Knox, todos viveram nos mil e quinhentos. Durante este período foi estabelecido que a Alemanha seria Luterana, a Escócia Presbiteriana, a Inglaterra Episcopal; a Inquisição determinou, através de assassinato, que a Itália e a Espanha permaneceriam Romanistas; o assassinato em massa de algo em torno de 75,000 Calvinistas na Véspera de São Bartolomeu, em 1572, tornou a França metade Romanista e metade infiel. Esses resultados duraram por quatrocentos anos.

Não apenas o sexto século testemunhou a Reforma, mas também viu na Renascença o nascimento da mente científica moderna. Enquanto invenções e aplicações científicas detalhadas se multiplicaram em anos mais recentes, a visão de mundo científica geral – baseada na aplicação da matemática para problemas da física – foi determinado para os séculos vindouros, mesmo antes de Descartes nascer.

O século vinte oferece uma justa rivalização ao século dezesseis. Duas guerras mundiais já aconteceram e com uma terceira como uma ameaça constante, este será um século de perturbação. Hitler quis estabelecer a direção da história pelos próximos mil anos. Ele bem poderia ter feito isso – auxiliado, claro, por Roosevelt, Churchill e Stalin. Falta ao século vinte, até agora, indicações de iminentes cataclismos religiosos. Suas mudanças, portanto, talvez sejam paralelamente mais próximas à revolução social e educacional da Renascença, ou, mais provavelmente, à queda do Império Romano, do que a agitação espiritual da Reforma. De tudo que pode ser visto agora, o humanismo e o ódio Comunista ao Cristianismo, serão a filosofia dominante na era vindoura.

Enquanto a situação política, que vira manchete dos jornais, ocupa a atenção popular, o uso que os ditadores têm feito dos meios de educação mostram claramente que o papel das escolas e universidades é da mais profunda importância. Política Educacional na nova sociedade, seja ela boa ou má, será um fator básico.

A Necessidade de uma Cosmovisão

É verdade que nossos homens mais treinados podem inventar rádios e radares; é verdade que eles podem reduzir a febre tifoide e a mortalidade infantil – que eles tenham mais sucesso; é verdade que eles podem produzir submarinos maiores e melhores explosivos; mas deve ser tão claro quanto um sinalizador e enfático quanto uma bomba que quem usa essas coisas e para que usa, é um assunto muito mais importante do que suas invenções. De fato, o impacto de Pearl Harbor, Coréia e Vietnam, devem ter focado a atenção educacional nesta questão básica.

Telefones se multiplicarão, mas seus fios podem carregar comandos para massacrar Judeus e Cristãos; rádio e televisão serão muito desenvolvidos, mas podem ser usados para propaganda totalitária; e jovens homens que não morreram de febre tifoide podem se tornar excelentes agentes da KGB. Todo auxílio mecânico, pelo qual alguém julga que uma sociedade é boa, pode ser usado por um burocrata ou um ditador para tornar sua sociedade má.

Como podem as pessoas dos Estados Unidos se tornarem competentes para julgar e, portanto, resistir a enxurrada de propaganda? A enxurrada veio. *Times*, *Newsweek*, e os novos programas na televisão, supostamente são mídias de notícia. Na verdade, eles são veículos de propaganda. Por exemplo, na Sexta-feira, 15 de Agosto de 1969, Chet Huntley terminou seu programa de notícias com a denúncia cruel dos Protestantes. Não havia absolutamente nenhuma notícia. Foi uma invenção sem adulteração. Ele parou perto de dizer que os Católicos Romanos do Eire deviam invadir Ulster e massacrar os Protestantes. E, claro, a notícia é tendenciosa também. Quão inclinada a população já deve ser para que tal interpretação seja permitida na televisão? Se alguma forma de educação prepara pessoas para detectar notícias tendenciosas e,

assim, prevenir um clima social onde a propaganda de ódio é aceita, não é a presente forma de educação Americana. Menos ainda, ela é um treinamento técnico restrito que produz especialistas ignorantes. Isso não é para depreciar engenharia, muito menos para opor à física e química. Mas algo a mais, algo mais importante, é necessário. O que?

Existe apenas uma filosofia que pode realmente unificar educação e vida. Esta filosofia é a filosofia do teísmo Cristão. O que é necessário é um sistema educacional baseado na soberania de Deus, pois em tal sistema ao homem, assim como à química, serão dados seu lugar apropriado, nem tão alto nem tão baixo. Em tal sistema haverá um fim principal do homem para unir e servir de critério a todas as suas atividades. O que é necessário, portanto, é uma filosofia consoante com o melhor credo da Cristandade, a *Confissão de Fé de Westminster*. Em tal sistema, Deus, assim como o homem, terão seu próprio lugar. Apenas isso fará a educação bem-sucedida; pois a desintegração social, moral, política e econômica da civilização nada mais é do que um sintoma e resultado de um colapso religioso. As abominações da guerra, pestilência e o colapso econômico são punições pelo crime, melhor ainda, pelo pecado, de esquecer Deus.

O Mito da Neutralidade

Não há nenhum terreno neutro entre a proposição que Deus criou o mundo do nada e a proposição de que o universo é uma entidade eterna e auto existente. Mas, embora os opositores admitam que há uma incompatibilidade filosófica, eles podem, ao mesmo tempo, manter que filosofia é tão distante das atividades práticas de ensinar uma criança, que qualquer preocupação sobre influência antirreligiosa é puramente acadêmica. Mesmo o otimismo ou o pessimismo do professor não afetam os conteúdos da aritmética. Filosoficamente, neutralidade é impossível, eles concedem; mas, educacionalmente, neutralidade é um fato.

Esta parece ser a opinião comumente mantida sobre decisões da a Suprema Corte dos Estados Unidos que banuiu orações e a leitura da Bíblia da educação pública. Oração é definitivamente uma atividade religiosa, e o Estado não deve dar suporte a qualquer tipo de religião. Deixe que a aritmética seja ensinada e a religião ignorada. Agora, há pelo menos um bom ponto na decisão da Corte. O caso teve origem em um sistema escolar cujos oficiais

escreveram uma oração e obrigaram as professoras a orá-la. Os oficiais da escola supunham que sua oração era inócua e satisfatória para todas as religiões que orassem; Era uma oração “não sectária”. Desde a decisão, várias emendas que permitiriam orações não sectárias têm sido propostas à Constituição. Presumivelmente, isso significaria uma oração composta pelo quadro escolar e imposta por eles às professoras. Uma vez que esse foi e é o caso, um Cristão deve enxergar a decisão da Corte com favor. Pois, em primeiro lugar, ela força a professora a fazer uma oração com a qual ele discorda, seja porque ela é irreligiosa e não quer orar de nenhum modo – e a cumplicidade a faz hipócrita, ou porque ela é religiosa e vê que esta oração não sectária não é neutra, mas anticristã.

A razão pela qual essas orações não sectárias são anticristãs pode ser bem claramente estabelecida. A Bíblia ensina que toda oração a Deus deve ser baseada nos méritos de Jesus Cristo. Ninguém pode vir ao Pai se não por Cristo. Não há outro nome pelo qual nós podemos ser salvos. Assim, orar sem incluir Cristo na oração é uma ofensa contra Deus. É muito melhor não ter nenhuma oração na escola do que uma tal oração não sectária. O uso da palavra *sectária* ou *não sectária* é, em si mesmo, uma ofensa e insulto. *Seita* sempre tem um senso pejorativo, e estigmatizar a oração Cristã como *sectária* não é um exercício da neutralidade.

Pode parecer que a Suprema Corte manteve neutralidade pela sua proibição da oração nas escolas, e que apenas aqueles que querem orar [a oração não sectária] são anticristãos. Com certeza, também, aqueles que não querem orar são anticristãos; e foi uma façanha para a Corte satisfazer Cristãos devotos e ateus espalhafatosos na mesma decisão. Mas, se a decisão e seus resultados podem satisfazer o Cristão, e se as escolas são neutras – agora que os quadros de teólogos escolares não podem mais impor suas orações – ainda requer um pouco mais de discussão.

Que a neutralidade é impossível se torna cada vez mais claro quando o sistema do teísmo Cristão é compreendido. Já foi mencionado o fato de que o Cristianismo não pode ser identificado com, nem restrito à mera crença em Deus. Por exemplo, Cristianismo tem uma teoria do mal; ela difere da teoria humanista; e, portanto, a escola secular não

pode adotar as mesmas políticas que escola Cristã adota em relação a lidar com alunos birrentos.

Que existem alunos birrentos dificilmente necessita ser dito. Mas, talvez precise ser dito àqueles que convenientemente esquecem o que está acontecendo. Em adição ao material narrado no capítulo um, houve outro caso de literatura subversiva e obscena, dos Panteras Negras¹, vendida a estudantes do ensino médio em Indianápolis em 1969, com a aprovação de ao menos alguns professores. Mas é ilegal aos Gideões distribuírem o Novo Testamento nas propriedades escolares. Nas primeiras duas semanas escolares de 1969-70, cinquenta roubos e espancamentos, incluindo esfaqueamentos, foram reportados à polícia de Indianápolis. A polícia acreditava que estes foram menos da metade dos crimes cometidos, porque as crianças que são vítimas frequentemente temem em reportar os ataques por medo de represálias. Alguns pais se recusam a mandar seus filhos para a escola para salvá-los da violência na escola. Em uma das escolas prósperas de Indianápolis estima-se que 50% dos alunos são viciados em drogas. Não todos viciados em heroína, claro; mas estão a seu caminho, através da cola, sedativos, LSD e drogas similares.

Essas más condições foram encorajadas pela política liberal e humanista na lida com as menores formas de má conduta dos estudantes. O liberalismo ridicularizou a noção Cristã de punição. Desde a primeira infância, as crianças devem ser mimadas, não receber palmadas, ou serem reprimidas de qualquer maneira. Tão cedo quanto 1922, John Dewey em sua obra *Human Nature and Conduct* [Natureza humana e Conduta] (Parte II, Seção 2) encorajou jovens a se rebelarem contra a disciplina dos pais. Os pais domesticaram a “originalidade encantadora da criança”; eles inculcaram nela hábitos morais; e o resultado é uma massa de “irracionalidades” e “infantilidades”. Quando a filosofia de Dewey é traduzida para o código penal, com sua ênfase na reabilitação (pois o criminoso é doente, não perverso; e a comunidade é culpada, não o criminoso), vinte mil pessoas cometeram assassinatos em um único ano nos Estados Unidos, e nenhuma delas recebeu a pena

de morte. No ano seguinte, naturalmente, mais pessoas cometeram assassinato.

Nem John Dewey, nem os penologistas liberais, nem as escolas públicas devem ser culpados pela origem desses crimes. Teólogos liberais e educadores liberais devem ser culpados por falhar em reprimir o mal. As escolas públicas merecem ser ridicularizadas quando alegam ser as salvadoras da democracia. Pela sua permissividade elas têm encorajado o incêndio criminoso, o vício em drogas e a imoralidade sexual. Mesmo nos assuntos estritamente curriculares, sua permissividade e sua extensão do conceito de democracia além do seu significado político apropriado, frequentemente tem resultado na tentativa de fazer todos os alunos iguais reduzindo o mínimo exigido de maneira que todos possam passar de ano. Em tais escolas, mais frequentemente nas áreas metropolitanas, um estudante não deve ser reprovado; ele deve ser promovido. Nas escolas de ensino médio que foram observadas pelo presente escritor, alguns juniores (sem dúvida seniores também, mas os exemplos seguintes são restritos ao conhecimento pessoal) não podem ler um material da quarta-série; em um laboratório de botânica, um estudante não foi capaz de ler a ficha de instrução, e um garoto de vinte anos se “graduou” sem ser capaz de ler – na verdade, sem ser capaz de ler dois parágrafos de nada. Este tipo de democracia, esta permissividade, essa política liberal, encorajam e aumentam o mal; mas eles não iniciam o mal. O mal é iniciado no que John Dewey chama de originalidade encantadora da criança.

O presente argumento visa mostrar que o sistema escolar não pode operar como algo neutro entre a posição liberal e a posição Cristã. Um sistema escolar deve ter uma política para crianças delinquentes, ou para aquelas que começam a causar problemas, e essa política não pode ser de direita e esquerda ao mesmo tempo. Ela não pode ser Cristã e humanista; e não há um meio termo neutro. As duas filosofias e suas implicações educacionais diferem a respeito do que fazer, a respeito do que é o mal, e como ele se origina. Algo foi dito sobre as opiniões prevalecentes entre os educadores públicos; agora é necessário mostrar que o Cristianismo tem uma opinião totalmente

¹ Partido revolucionário de extrema-esquerda dos E.U.A, ativo principalmente entre as décadas de 1960 e 1980. [N.T.]

diferente sobre o mal e uma política de combate a ele totalmente diferente.

As Escolas Governamentais

As primeiras faculdades americanas eram distintamente instituições Cristãs. Mas o sistema de escola pública, diferente das faculdades, não foi tão inspirado. Por outro lado, as escolas públicas não tinham a intenção de serem irreligiosas. Nas leituras dos tempos de nossos avós, Deus e Jesus Cristo eram mencionados. Hoje nenhuma referência como essas podem ser encontradas nos livros das escolas públicas. A razão não é difícil de perceber. As escolas públicas foram fundadas com a ideia de não favorecer uma religião sobre a outra, e o resultado é que elas agora favorecem nenhuma religião absolutamente. Elas são completamente secularizadas.

Originalmente, as escolas públicas, embora não devessem favorecer uma denominação Cristã sobre outra, não tinham a intenção de atacar o cristianismo. A ideia era que elas deviam ser neutras. E porque a maioria dos Protestantes creram nas promessas dos educadores de que eles não iriam atacar a religião, os Protestantes não fundaram escolas primárias como os Romanistas fizeram. Agora está claro que os Romanistas adotaram um curso de ação mais sábio, porque as promessas dos educadores foram quebradas rapidamente.

Hoje o Cristianismo é atacado em todo sistema escolar. Relatos dos pais dizem que a negação evolucionista da criação do mundo por Deus é ensinada às crianças da segunda série. Como pode uma criança de sete ou oito anos permanecer firme ante um ataque organizado à cosmogonia teísta? Como podem os pais proteger seus filhos? A escola pública não tem pretensão de ser neutra nas questões de religião, e quando um pai aqui ou ali protesta, ele é prontamente ridicularizado e reprimido. A noção de liberdade religiosa, ou mesmo da tolerância ao Cristianismo – isto é, a alegação original à neutralidade – não é uma parte do equipamento mental dos educadores.

Já foi mencionada a exclusão da leitura Bíblica das escolas públicas. O resultado foi de uma geração de crianças que são deficientes na linguagem e literatura Inglesa. É um fato incontroverso que a Bíblia Inglesa teve uma grande influência na nossa língua, na nossa literatura, na nossa civilização e

moral, maior do que qualquer outro livro. A criança que é privada da Bíblia é culturalmente privada, assim como religiosamente privada. Alguns têm dito bem que o conhecimento da Bíblia sem uma educação formal é de mais valor do que a educação formal sem o conhecimento da Bíblia. Tendo em vista esse fato, a proibição da leitura Bíblica é extremamente significativa do ódio que as escolas públicas e uma ampla parte da nossa sociedade tem para com o Cristianismo. Livros atacando o Cristianismo não são ilegais. Professores podem negar Deus, a criação e a providência; mas a lei os proíbe de recomendar o Cristianismo.

Uma vez que a privação cultural dessa política é tão óbvia, alguns educadores querem ensinar a Bíblia como literatura. A reintrodução da Bíblia nas escolas deve também suavizar algumas críticas. Pode ser, de qualquer modo, que a Bíblia como literatura seja pior do que não ter a Bíblia. A Bíblia será ensinada como literatura divina ou humana – mera literatura e não revelação? Em uma escola aonde isso foi tentado, a professora exigiu que seus alunos escrevessem um trabalho. Ela foi muito flexível na sua exigência: cada estudante poderia escolher qualquer parte da Bíblia como assunto. Uma garotinha perguntou se ela podia escrever sobre Isaías. A professora perguntou: você quer dizer primeiro Isaías ou segundo Isaías? Assim, o ensino da Bíblia como literatura se torna um ataque à sua própria veracidade. Isso será usado; já têm sido usado para minar o Cristianismo.

Quando as escolas públicas se tornaram populares, os Protestantes em geral foram enganados pelas promessas especiais das pessoas da escola pública. Eles pensaram que se mantivessem o Cristianismo nas faculdades, as escolas primárias podiam ser confiadas ao estado. Mas nem todos os Protestantes foram enganados pelas falsas promessas de não atacar o Cristianismo. A Igreja Luterana e os Cristãos Reformados rapidamente estabeleceram escolas primárias para suas crianças. Eles acreditavam que a influência do lar Cristão e a pregação da igreja Cristã devem ser fortalecidas por um sistema escolar Cristão. Mas tanto os Luteranos quanto os Cristãos Reformados, com sua origem Europeia, permaneceram sociedades um tanto fechadas, por assim dizer; e, infelizmente, elas exerceram pouca influência, nesse aspecto ao menos, sobre o resto do Protestantismo Americano. Existiu um homem, entretanto, entre as igrejas Americanas de fala Inglesa que viu a implicação do

sistema de escola pública; ele alertou o que se seguiria, mas seu alerta foi ignorado. É interessante, tristemente interessante, ler seu alerta hoje, agora que noventa anos provaram que ele estava certo. Pois foi em palestras dadas antes de 1890 que A. A. Hodge fez as predições que são agora citadas.

Na sua *Popular Lectures on Theological Themes* [Palestras Populares sobre Temas Teológicos], página 283, ele escreveu:

Um sistema de educação nacional abrangente e centralizado, separado da religião, como é agora comumente proposto, provará ser a mais terrível máquina para a propagação da descrença anticristã e ateuista, e do antissocial niilismo ético, individual, social e político, o qual esse mundo pecaminoso nunca viu igual.

Dois páginas antes, ele tinha escrito:

É passível de demonstração exata que se cada parte no Estado tiver o direito de excluir das escolas públicas o que quer que ela não acredite ser verdade, então aqueles que acreditam mais, devem ceder para aqueles que acreditam menos, e, então, aqueles que acreditam menos devem ceder àqueles que não acreditam em absolutamente nada, não importa quão pequena a minoria de ateístas ou agnósticos possa ser. É auto evidente que, neste esquema, se ele for aplicado consistente e persistentemente em todas as partes do país, o sistema da educação nacional popular dos Estados Unidos será o mais eficiente e amplo instrumento para a propagação do Ateísmo que o mundo jamais viu.

O que A. A. Hodge não viu, ao menos ele não falou explicitamente, é que embora os irreligiosos tenham se apoderado do direito de excluir o Cristianismo, aos cristãos é negado o direito de excluir os ataques contra o Cristianismo. Não há neutralidade.

Obviamente, as escolas não são Cristãs. Assim como é obvio que elas não são neutras. As Escrituras dizem que o temor do Senhor é a principal parte do conhecimento; mas as escolas, ao omitir toda referência a Deus, dão aos alunos a noção que o conhecimento pode ser obtido sem Deus. Eles ensinam, com efeito, que Deus não tem

o controle da história, que não há um plano de eventos que Deus está executando, que Deus não preordenou o que quer que venha acontecer. À parte da instrução definitivamente anticristã a ser discursada mais tarde, as escolas públicas não são, nunca foram, e nunca serão, neutras. Neutralidade é impossível. Perguntemos o que neutralidade pode possivelmente significar quando Deus está envolvido. Como Deus julga o sistema escolar, que diz a ele, “Oh, Deus, nós nem negamos nem afirmamos sua existência; e oh Deus, nós nem obedecemos nem desobedecemos seus mandamentos; nós somos estritamente neutros”. Que ninguém falhe em perceber o ponto aqui: o sistema escolar que ignora Deus, ensina seus alunos a ignorar Deus; e isto não é neutralidade. Isto é a pior forma de antagonismo, pois julga que Deus não é importante e é irrelevante nos assuntos humanos. Isso é ateísmo.

Educação Cristã

O currículo e a administração da educação cristã devem ser controlados pela visão cristã do homem. Assim como a planta, o homem é um ser vivo, precisa de comida, se reproduz; mas a natureza da peculiaridade do homem não é encontrada em um gênero tão amplo. Assim como os animais, ele tem sensações e imagens visuais; mas se isso fosse tudo, ele seria meramente outro animal. A educação supostamente lida com o homem como um homem; a assim chamada educação física lida com o homem como um bruto. O que o homem é e o que a educação é, são questões para serem respondidas avaliando diferentes níveis da atividade humana. Um sentido aguçado não caracteriza um homem educado, pois selvagens frequentemente têm um sentido mais aguçado do que o bem-educado. Carpintaria e encanamento são atividades distintamente humanas além de toda possibilidade animal, e factualmente além do selvagem; ainda assim, esses dois honoráveis e úteis negócios, não são uma educação. Música e arte estão melhores ranqueadas do que carpintaria e encanamento; coloquialmente nós falamos sobre uma educação musical, mas, estritamente falando, música e arte requerem treinamento. Todos esses são diferentes níveis de atividade – todas honrosas, mas não iguais. Alguns homens nasceram capazes de realizar uma, mas não a outra. O Senhor não repreendeu o homem a quem ele deu um talento por não ser capaz de conquistar cinco; ele o condenou por não usar o um que ele tinha. De qualquer forma,

não há como negar o fato que é melhor ter cinco. Deus não exige ao operário não habilitado a escrever a crítica de toda metafísica futura, nem finalizar a sinfonia de Schubert; mas um Q.I 150 tem mais possibilidades que um Q.I. 85.

Todas as fases da vida devem glorificar a Deus, e se um homem é um carpinteiro ou um encanador, ele deve e pode glorificar a Deus pelo seu negócio, assim como um estudante ou um professor. Para servir a Deus de maneira aceitável não é preciso ser um monge; nem é preciso ser um acadêmico. Deus tem dado a alguns homens cinco talentos, a alguns dois e, a outros, um. Ele deu a aptidão acadêmica a alguns e a outros deu a habilidade mecânica. O que é exigido é que cada um use fielmente o que recebeu.

Tendo isso em vista, não pode ser dito que educação é, em todos os aspectos, democrática. Na política, um governo democrático representativo e receptivo à vontade do povo é decididamente preferível ao totalitarismo irresponsável e à burocracia arrogante. Todos os homens são criados iguais – neste sentido, justiça política deve ser aplicada imparcialmente. Mas igualdade econômica e mental nunca existiu e nunca existirá. As desvantagens econômicas podem ser niveladas em algum grau pela ajuda privada através de bolsas de estudo. Mas não há cura para desigualdades mentais. Educação, como arte, nunca pode ser democrática; ambas são inerentemente aristocráticas. Alguns estudantes simplesmente não são capazes de aprender. Por mais que eles tentem, eles não conseguem compreender o significado do conteúdo. E em vez de se beneficiarem com uma educação universitária, seu espírito e respeito próprio podem ser arruinados. Como encanadores, eles poderiam servir um propósito útil, e se eles reconhecerem que Deus é glorificado num encanamento honesto, eles podem caminhar entre os homens com a dignidade Cristã.

Uma palavra sobre arte também. Certamente um grande artista é superior a um grande mineiro de carvão. *Night Watch* [A Ronda Noturna] de Rembrandt é indescritivelmente impressionante. Rembrandt sabia como pintar. Mas eu não estou certo que ele conhecia arte. Beethoven sabia como escrever música, mas eu duvido que ele entendia música. Habilidade artística é uma coisa – um precioso dom de Deus. A compreensão intelectual da arte, de sua função na sociedade, de sua relação com a religião e moralidade, é outra coisa – um

dom ainda mais precioso de Deus. Este último é um objeto da educação. O primeiro é uma habilidade.

O Cristianismo, entretanto, é intelectualista. Deus é verdade, e verdade é imutável. Os humanistas, claro, se opõem ao conceito teísta de verdade. Imersos no fluxo do pragmatismo, guiados por Nietzsche, James e Dewey, eles defendem que a verdade muda, valores morais mudam, e a única verdade fixa é que não há verdade fixa. O que funciona é “verdade”. Habilidade e sucesso fazem “verdade”. Porquê não há verdade final no humanismo, o humanista não pode consistentemente dar um reconhecimento adequado ao intelecto. Se ele elogia os dotes intelectuais, ele se refere apenas à habilidade vocacional para conseguir o que você deseja.

Ainda assim, o humanismo secular não é o único e nem mesmo o oponente que mais vocifera contra o intelectualismo. Se Nietzsche, James e Dewey têm seus discípulos, incluindo os existencialistas, Kierkegaard, com a ênfase de Schleiermacher na emoção, é um inimigo ainda pior da verdade. Então acontece que um grande número de pessoas religiosas despreza o intelecto e exalta as emoções. Brunner diz que Deus fala falsidades, que o homem devia acreditar em contradições e que Deus e o intelecto são mutuamente excludentes.

Homem: a Imagem de Deus

Nós notamos, por um lado, que Cristo é a imagem de Deus (Hebreus 1:3), e que ele é o Logos e a Sabedoria de Deus. Notamos também que a Adão foi dado o domínio sobre a natureza. Estes dois pontos aparentemente não relacionados, sugerem que a imagem de Deus é a Lógica ou a racionalidade. Adão era superior aos animais porque ele era racional e não meramente uma criatura sensível. A imagem de Deus, portanto, é a razão.

A imagem deve ser a razão porque Deus é a verdade, e a comunhão com ele – o propósito mais importante da criação – requer pensamento e entendimento. Sem a razão o homem poderia, sem dúvidas, glorificar a Deus, assim como as estrelas, pedras e animais fazem, mas ele não poderia gozá-lo para sempre. Mesmo se na providência de Deus os animais sobreviverem à morte e adornarem o mundo futuro, eles não podem ter o que a Escritura chama de vida eterna, porque a vida eterna é conhecer o único e verdadeiro Deus, e

conhecimento é um exercício da mente ou da razão. Sem razão não pode existir nenhuma moralidade ou justiça: estas requerem pensamento. Na falta disso, os animais não são nem justos nem pecadores.

A identificação da imagem como razão explica ou é suportada por uma observação intrigante em João 1:9: “Ele era a verdadeira luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo”. Como pode Cristo, em quem está a vida que é a luz dos homens, ser a luz de todos os homens, quando as Escrituras ensinam que alguns homens estão perdidos na escuridão eterna? Esse enigma surge da interpretação de luz em termos exclusivamente redentivos. Se também pensarmos em termos da criação, o Logos ou Racionalidade de Deus, que logo acima foi dito ter criado todas as coisas sem nenhuma exceção, pode ser visto como tendo criado o homem com a luz da lógica como uma característica humana distintiva.

Por razões como essas, a queda e seus efeitos, que tem confundido tanto alguns teólogos enquanto estudam a doutrina da imagem, são mais facilmente entendidos quando se identifica a imagem com a mente do homem.

Uma vez que julgamentos morais são uma espécie de julgamento, subsumidas sob a atividade intelectual geral, um resultado da queda é a ocorrência de valorações incorretas através de pensamentos errôneos. Adão pensou, incorretamente, que seria melhor se juntar a Eva em seu pecado do que obedecer a Deus e ser separado dela. Assim, ele comeu o fruto proibido. O ato externo se seguiu do pensamento. “Do coração procedem os pensamentos maus”. Note que na bíblia o termo coração usualmente designa o intelecto, e apenas uma a cada dez vezes as emoções: é o coração que pensa. O pecado, portanto, interfere no nosso pensamento. Ele não nos impede, entretanto, de pensar. O pecado não erradica ou aniquila a imagem. Ele causa um mal funcionamento, mas o homem permanece homem.

A Bíblia enfatiza o mal funcionamento da mente em assuntos obviamente morais por causa de sua importância. Mas o pecado estende sua influência depravada em assuntos que não são usualmente considerados como questões de moralidade. Aritmética, por exemplo. Ninguém precisa supor que Adão e Eva compreendiam cálculo, mas eles certamente contavam até dez. Qualquer aritmética que eles faziam, eles faziam corretamente. Mas o

pecado causa a falha no pensamento, com o resultado que nós agora cometemos erros em adições simples. Tais erros são chamados, de maneira pedante, de efeitos “noéticos” do pecado. Mas erros morais são igualmente noéticos. Quando o homem se torna vão em suas imaginações e seus corações insensatos são obscurecidos; quando eles professam ser sábios, mas se tornam tolos; quando Deus os entrega à uma mente reprovável – seu pecado foi, antes de tudo, noético, intelectual, um mal funcionamento mental.

Regeneração e o processo da santificação revertem a direção pecaminosa do mal funcionamento. A pessoa é renovada em conhecimento da imagem daquele que a criou. Primeiro os pecados mais óbvios e grosseiros são suprimidos porque o novo homem começa a pensar e valorar em conformidade com os preceitos de Deus. Segundo e terceiro, o novo homem avança para restringir os pecados mais sutis, secretos e mais difundidos que tornaram seu coração enganoso acima da medida. Erros em aritmética podem ser vistos como triviais em comparação, mas estes também são efeitos do pecado; e a salvação aprimorará o pensamento do homem em todos os assuntos.

A identificação da imagem como razão ou intelecto preserva, portanto, a unidade da pessoa humana e salva os teólogos de dividir a imagem em partes esquizofrênicas. Essa identificação também está de acordo com tudo o que a Escritura diz sobre pecado e salvação.

A oposição secular à imagem de Deus no homem pode ser baseada apenas em uma filosofia não teísta geral. A evolução vê o homem como um desenvolvimento natural de nêutrons e prótons, através de átomos, em plantas, em animais inferiores, até que, talvez, um número de seres humanos emergiram na África, Ásia e nas Índias Orientais. A evolução dificilmente pode afirmar a unidade da raça humana, pois vários indivíduos de espécies sub-humanas podem ter mais ou menos simultaneamente produzido a mesma variação.

É difícil de aceitar esta visão naturalista não teísta, porque ela implica que a mente também (assim como o corpo) é um produto evolucionário, em vez de imagem divina. Em vez de usar princípios eternos da lógica, a mente opera com os resultados práticos da adaptação biológica. Conceitos e proposições nem alcançam a verdade, nem tem esse objetivo. Nosso equipamento foi desenvolvido

através da luta para sobreviver. A razão é simplesmente o método humano de lidar com as coisas. Ela é um dispositivo simplificador e, portanto, falsificador. Não há evidência que nossas categorias correspondam à realidade. Mesmo se correspondessem, o que seria um acidente improvável, ninguém poderia saber isso; pois para saber que as leis da lógica são adequadas ao que realmente existe, é exigido que se observe o real antes de usar as leis. Mas se isso nunca aconteceu com organismos sub-humanos, isso nunca acontece com a presente espécie humana. Se agora o intelecto é naturalmente produzido, diferentes tipos de intelectos podem muito bem ser produzidos por processos evolucionários ligeiramente diferentes. Talvez tais mentes tenham sido produzidas, mas agora estão extintas como os dinossauros e dodós. Isso significa, entretanto, que os conceitos ou intuições de tempo e espaço – a lei da contradição, as regras de inferência – não são critérios fixos e universais da verdade, mas outras raças pensaram em outros termos. Talvez as raças futuras também pensarão em diferentes termos. John Dewey insistiu que a lógica já tinha mudado e continuará mudando. Se este é o caso, nossa lógica tradicional não é nada além de um momento evolucionário passageiro; nossas teorias – dependentes desta lógica – são reações temporárias, hábitos sociais paroquiais, e racionalizações freudianas; e, portanto, a teoria evolucionária, produzida por esses impulsos biológicos, não pode ser verdadeira.

A diferença entre naturalismo e teísmo – entre as últimas opiniões científicas sobre evolução e criação; entre o animal freudiano e a imagem de Deus; entre a crença em Deus e o ateísmo – está baseada em suas duas epistemologias diferentes. O naturalismo professa aprender pela observação e análise da experiência; a opinião teísta depende da revelação Bíblica. Nenhuma quantidade de observação e análise pode provar a posição teísta. Claro, nenhuma quantidade de observação e análise pode provar a teoria evolucionista ou qualquer outra. Todas as filosofias seculares resultam em ceticismo total. Em contraste, o teísmo baseia seu conhecimento em proposições divinamente reveladas. Elas podem não nos dar toda a verdade; elas podem até nos dar muito pouca verdade; mas não há verdade de outro modo. Lá se vai a alternativa secular.

Assim, a avaliação Cristã dos assuntos no currículo e dos pupilos ou estudantes na escola é racional e

intelectualista, em oposição ao emocionalismo e anti-intelectualismo da presente era.

O objeto da educação é a verdade; a transmissão da verdade para os alunos mais jovens e a descoberta de nova verdade por estudantes mais avançados. O objetivo da educação, ao menos o objetivo da melhor e mais pura educação, é a compreensão intelectual.

A Subversão do Cristianismo

Nota do editor: algumas pessoas não podem ou não irão admitir que as escolas do governo são anticristãs. A menos que as escolas se oponham ferozmente contra o Cristianismo (como elas usualmente fazem), elas são consideradas inofensivas. Mas ataques frontais ao Cristianismo não são o único modo de destruí-lo. A subversão sutil também é usada, como Clark ilustra neste ensaio.

Scott, Foresman e Company, publicadores de uma excelente linha de livros escolares, possuem um chamado *Our World and How We Use It* [O Nosso Mundo e Como o Usamos], por Campbell, Sears, Quillen, Hanna. Na página 97, em um capítulo que explica a domesticação e o uso dos animais, há uma seção intitulada *Ideias sobre Deus*.

Vocês têm visto quantas de nossas ideias sobre propriedade, sobre trabalho em conjunto e sobre guerra vieram destes pastores de tempos atrás. O pastor tinha outras muitas ideias também.

O pastor conhecia sobre as estrelas, porque ele teve que aprender a ler o céu, da mesma forma como lemos calendários. O sol era seu relógio de dia, e a lua e as estrelas diziam a ele que horas eram de noite. Os céus noturnos são muito claros e as estrelas são brilhantes no clima seco das pastagens e no país desértico.

O pastor observava as estações chegarem e passarem. Ele conhecia sobre tempos de abundância e tempos de escassez também. Ele via seus animais nascerem, crescerem e morrerem. Ele via o cabeça da tribo punir seus próprios filhos e seus animais, se não o obedecessem, e os recompensá-los, se eles fizessem o certo. O pastor tinha tempo para pensar sobre muitas coisas, enquanto vigiava seus animais.

Assim, o pastor veio a conhecer que havia um grande Deus que cuidava do mundo e de tudo nele, assim como ele mesmo cuidava de seus próprios rebanhos e família. Ele ensinou seus filhos a adorarem esse Deus e a obedecê-lo.

O pastor também sabia que ele devia proteger seus próprios animais, sua família, seus servos e trabalhadores. Muitas vezes ele deve ter pensado que o mundo podia ser um lugar melhor se não houvessem bestas selvagens e pessoas não amigáveis. E ele começou a acreditar que deve existir algo ruim, algo mal, que trabalha contra Deus, assim como lobos e homens ruins e famintos trabalham contra ele. Essa coisa má ele chamou de Satanás.

Muito dos pensamentos do pastor se tornaram músicas. Você pode ler algumas delas na Bíblia, nos Salmos de Davi, o pastor que se tornou rei.

Confessadamente, o objetivo dessa seção é ensinar aos alunos sobre Deus. Assim, este é um assunto de religião; e religião, se pregada em um púlpito ou ensinada na primeira série, não pode ser um assunto neutro. Para descobrir se este livro favorece o Cristianismo ou se opõe a ele, vamos listar os cinco pontos ensinados. É ensinado primeiro que o pastor descobriu Deus ou obteve ideias sobre Deus pensando enquanto ele cuidava de seus animais; segundo, é ensinado que eles descobriram que Deus se importava com eles; terceiro, que eles ensinaram seus filhos a adorar Deus e obedecê-lo; quarto, que eles aprenderam, através da reflexão sempre, que existe um Diabo; e quinto, que os Salmos de Davi são um resultado desse processo.

Uma vez que este é o ensinamento de um livro para a quarta série, pode ser considerado injusto oferecer uma crítica profunda e filosófica. Ainda assim, até aos alunos da quarta série podem ser ditos alguns princípios filosóficos simples, embora profundos. A seção, como está escrita, produz a impressão que aprender sobre Deus é um processo puramente empírico. Nenhuma referência é feita ao que um filósofo poderia chamar de o equipamento a priori do aprendizado. Agora, a terminologia Kantiana não é para crianças, mas mesmo crianças podem entender quando se diz a elas que todo homem nasce com a ideia de Deus. Elas podem não conhecer os termos *a priori* e *inato*, mas elas podem entender tanto quanto entendem qualquer

outra coisa que os homens são feitos para pensar em Deus espontaneamente: Eles nascem desse jeito. De qualquer maneira, nenhuma ênfase particular será posta sobre o argumento que o livro ensina um empirismo não cristão.

Mas ênfase, muita ênfase, deve ser posta sobre a omissão de toda referência à revelação. Um verdadeiro Cristão, se perguntado como ele aprendeu sobre Deus, responderá imediatamente: “através da Bíblia, a palavra de Deus”. Quando uma pessoa responde: “pela experiência e reflexão”, fica instantaneamente claro que essa pessoa não é um Cristão.

Em segundo lugar, o livro ensina que o pastor conheceu o cuidado de Deus por eles porque eles cuidavam de seus rebanhos. Que tipo de argumento é esse? O pastor cuida de seus rebanhos para tosquiá-los e come-los. Esse tipo de reflexão leva a uma confiança definitiva em Deus?

Terceiro, o pastor ensinou seus filhos a obedecerem e adorarem a Deus. Isso levanta duas questões. Primeiro, se não há revelação, onde o pastor encontrou os mandamentos que Deus requer que nós obedecemos? A escritura fala da lei de Deus como escrita nos corações dos homens; ela ensina que o homem foi feito à imagem de Deus e tem um conhecimento inato de que o certo é diferente do errado e que Deus pune o errado. Mas a Escritura também ensina que o homem suprime esse conhecimento pela sua perversidade, que não deseja reter Deus em seu conhecimento, e que Deus os entregou à uma mente reprovável. Obviamente, o livro da quarta série e o Cristianismo não concordam. E a segunda questão vai ainda mais ao ponto central: como pode o pastor ensinar as crianças a adorarem a Deus? A Escritura não apenas diz que ninguém, sem o poder regenerativo do Espírito Santo, busca Deus e que não há quem faça o bem, não, ninguém; a Escritura também ensina que ninguém vem ao Pai a não ser por Jesus Cristo. E isto é tão verdade sobre Abraão de antigamente quanto sobre o homem de hoje. Jesus disse, “Abraão regozijou-se em ver meu dia, e ele o viu, e ficou feliz”. O livro não dá nenhuma indicação desse pré-requisito necessário para a adoração. Ele ensina, em vez disso, que podemos obedecer e adorar a Deus sem nenhuma referência a Jesus Cristo.

O quarto ponto não requer qualquer crítica adicional, mas o quinto ponto é o clímax. Aqui é

dito que os Salmos de Davi são produtos da reflexão puramente humana. Em um direto antagonismo com a visão Cristã, o livro reduz a Bíblia ao nível dos pensamentos filosoficamente injustificáveis de um nômade.

Davi escreveu: “O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu faça seus inimigos de estrado para os teus pés”. Isso é uma fantasia humana ou uma promessa divina? Davi escreveu:

Os reis da terra colocaram a si mesmos...
contra o Senhor e contra seu Ungido...
Aquele que está assentado nos céus rirá: o
Senhor os terá em escárnio... Eu, no entanto,
coloquei meu rei sobre meu santo monte de
Sião... o Senhor me disse: “Tu és meu filho;
neste dia eu te gerei... Beijai o Filho, para que
ele não se ire e pereçais no caminho, porque
a sua ira se acenderá em breve.”

O que é isso? Insensatez? Ou é a voz do Deus Soberano e Terrível?

O livro do qual a citação foi tirada é pedagogicamente e mecanicamente excelente; ele mostra todas as marcas da competência técnica. A inclusão da seção citada, portanto, não pode ser atribuída à ignorância. Ela foi deliberadamente planejada. Por essas razões, a única conclusão possível é que o livro e os educadores por trás dele estão objetivando definitivamente destruir a religião Cristã